

# A Seqüência do Processo do Conhecimento do Ensino ⇔ Aprendizagem do Ensino Superior

WALKIRIA XIMENES\*

Recebido: 12/06/05

Aprovado: 14/10/05

\* Mestre em educação; professora na Faculdade Estácio de Sá de Ourinhos – São Paulo.

**Resumo:** O título “A interpretação de um texto literário como forma de educação”, tema de análise deste trabalho, faz uma abordagem sobre as inúmeras dificuldades encontradas pelos alunos e salienta a necessidade de uma metodologia de ensino-aprendizagem da análise literária. Metodologia que direcione a compreensão de um texto, que o aluno sinta-se realmente interessado nessa atividade e que seja estimulada a sua imaginação, o seu interesse em criar, porque assim ele chegará à aprendizagem. A metodologia apresentada nesse trabalho reconhece que o conhecimento obedece uma seqüência lógica, iniciada pelos sentidos: a sensação, a percepção, a atenção, a memória, a idéia, o juízo e o raciocínio. Esse processo seqüencial envolve um aprendizado decorrente da trilogia demonstrada: primeira etapa a assimilação, em que ocorre o reconhecimento da idéia pelo aluno; a segunda etapa a incorporação, em que o aluno processa a aceitação da idéia, do conceito e estas condições favorecem a última etapa, a acomodação, momento em que ocorre o desenvolvimento de novas idéias, permitindo que o aluno consiga analisar qualquer obra literária. E ao se propor a etapa da incorporação como fase intermediária, é para mostrar sua importância no processo do conhecimento, porque é ela que proporciona o crescimento do aluno. E ao ser desenvolvida a capacidade de ler e entender qualquer tipo de texto, o aluno irá redescobrir a importância da leitura, essa constante busca de compreender o significado dos textos.

**Palavras Chave:** Educação, Interpretação literária, Metodologia de análise literária, Literatura.

**Abstract:** The title “The interpretation of a literary text as form of education” term of analysis of this work, makes an approach about the countless difficulties found by the students and points the need of a methodology of teaching-learning of the literary analysis. Methodology that addresses the understanding of a text, to feel really interested in that activity and that is stimulated his imagination, his interest in creating, because in this manner he will arrive to the learning. The methodology presented in that work recognizes that the knowledge obeys a logical sequence, initiate for the senses: the sensation, the perception, the attention, the memory, the idea, the judgement and the reasoning. That sequential process involves a learning due to the demonstrated trilogy: first stage the assimilation, in that it happens the recognition of the idea for the student; the second stage the incorporation, in that the student processes the acceptance of the idea, of the concept and these conditions favor the last stage, the accommodation, moment in that it happens the development of new ideas, allowing the student to get to analyze some literary work. And when proposing the stage of the incorporation as intermediate phase, is to show his importance in the process of the knowledge, because it is her that provides the student’s growth. And to the being developed the capacity to read and to understand texts types, the student will rediscover the importance of the reading, that constant search for of understanding the meaning of the texts.

**Keywords:** Education, Literary interpretation, Methodology of literary analysis, Literature.

A Sequência do Processo do Conhecimento poderá funcionar como instrumento de otimização para uma leitura consciente, reflexiva e interpretativa, facilitando o questionamento a partir do entendimento do texto.

Não se pode afirmar que todos os conhecimentos se dão totalmente pelos sentidos, mas estes são fundamentais pois, são conhecidas amplamente as dificuldades que cegos e surdos-mudos apresentam no âmbito da aprendizagem quando os sentidos são exigidos.

É bem verdade que está comprovado que as limitações dos sentidos no ser humano estabelecem no organismo um esquema de compensações.

A deficiência de um dos sentidos faz com que outros órgãos dos sentidos se agucem. O exemplo mais comumente usado é o do grande músico Beethoven que, surdo, foi um dos maiores pianistas da época.

Além dele, Helen Keller, surda-muda, assombrou o mundo com sua capacidade. São exemplos que nos mostram que toda as correntes de pensamento científico, quando discutem a Teoria do Conhecimento, apresentam idéias que são convergentes. Assim, melhor do que questioná-las, é aproveitar o que cada uma traz de útil para uma educação consciente, que facilite a aprendizagem e o desenvolvimento do cognitivo.

Diante disso, a educação consciente e ética deve privilegiar tanto os aspectos físicos como os intelectuais (espirituais). O homem tem um corpo mas, também através de seu intelecto pode transcender o seu corpo. Além do mais, vive numa sociedade que lhe exige deveres e lhe dá direitos. Educado sob esta perspectiva, o homem terá uma visão mais abrangente de si próprio e do meio em que está inserido.

A educação consciente exige, também, o aprimoramento dos mestres e a adoção de métodos eficazes, visando à formação de seres responsáveis, já que o ser humano, quando cômico reconhece e valoriza a formação moral, a ética, o saber, a firmeza de caráter e reconhece acima de tudo que a necessidade de mudança é da responsabilidade de todos e que cada um deve fazer a sua parte.

Os mestres precisam ter consciência de que eles estão concorrendo com a tecnologia avançada, com a Informática, que se por um lado representa um avanço, por outro, tem o poder de conspurcar e corromper a mente dos jovens indefesos que são colocados diante de uma educação retrógrada e considerada “careta” pela maioria dos jovens.

E seguindo as etapas do conhecimento e o funcionamento cognitivo, levar o aluno a analisar, refletir e questionar até o ensino e os métodos adotados pelo professor, a fim de que consciente da sua capacidade, da sua autonomia, seja ele próprio, o agente da própria libertação.

Além disso, o aluno, ao exercitar a leitura, respeitando a pontuação, a tonalidade, mostrará que entendeu aquilo que leu e o pensamento se encaminhará para a interpretação literária. Quem não souber ler nem interpretar, não saberá escrever e muito menos criar peças literárias.

O aluno deve, também, ser estimulado à leitura sistemática do dicionário e a fazer a elaboração de composições, usando os dicionários, para enriquecer o vocabulário da língua pátria, como também sistematizar o ensino de verbos formando poemas e concordâncias objetivando despertar o interesse por literatura.

Como também, o professor deve levar o aluno a interessar-se por criações literárias semelhante ao sistema japonês que trabalham as criações de Haikai, técnica japonesa de ensino de elaboração de texto e interpretação que se presta muito para o desenvolvimento de criatividade, imaginação e reflexão, cujo objetivo é estimular o cérebro pensante. É uma unidade delimitada que oferece essas possibilidades e funciona como estratégia para desenvolver técnicas metodológicas de análise de texto e abertura para a elaboração de peças literárias.

Porém, de nada adiantaria realizar essa sistemática de trabalho, se em paralelo, não for incentivado o estímulo à leitura de livros, jornais e revistas, despertando não só o gosto pela leitura, como a criatividade e o desejo de usar a escrita de redações, interpretações de texto, elaboração de poemas, inclusive para que a acomodação realmente se dê.

De acordo com Piaget, compete ao professor conhecer e estudar as etapas para a concretização do conhecimento (PIAGET In: GOULART, 200, p. 14)

Considera que os esquemas simples vão se organizando, integrando-se a outros e formando os esquemas complexos. As estruturas psicológicas desenvolvem-se gradualmente neste processo de interação com o ambiente e são compostos de uma série de esquemas integrados.(2000, p.14)

Outra tese Piagetiana é “que o desenvolvimento cognitivo é um processo seqüencial marcado por etapas caracterizadas por estruturas mentais diferenciadas. Em cada uma dessas etapas, a maneira de compreender os problemas e resolvê-los é dependente da estrutura mental que a criança apresenta naquele momento”. (PIAGET, 2000, p. 18)

Levando-se em conta que o desenvolvimento é um processo seqüencial marcado por etapas, conforme prega a Teoria Piagetiana, também é certo que, embora a seqüência do desenvolvimento seja a mesma para todas as pessoas, a cronologia é variável.

Assim, o professor, ao propor problemas, deve levar em conta o desenvolvimento do aluno, porque a maneira pela qual a aprendizagem se processa é a mesma em qualquer idade, respeitada a potencialidade de cada um.

Os pais, também, podem colaborar muito com os professores na educação dos seus filhos, porque os pais percebem as emoções das crianças e reconhecem na emoção uma oportunidade de intimidade ou aprendizado, já que as ouvem com empatia, legitimando os sentimentos das crianças.

Além disso, ajudam, ainda, a criança ou o adolescente a encontrar palavras para identificar a emoção que estão sentindo; impondo limites, ao mesmo tempo em que exploram estratégias para a solução do problema em questão.

E são estas pequenas estratégias que funcionam como excelentes auxiliares na elaboração de análises literárias e redações. Assim, o professor deve levar o aluno a ler e a se expressar, para saber analisar, questionar, apresentar soluções, emitir juízos, elaborar raciocínios, criar situações novas, evidenciando, desse modo, que o conhecimento foi assimilado, incorporado e a acomodação vai comprovar a teoria exposta.

Ainda, de acordo com Piaget, há dois elementos fundamentais para a aprendizagem, ou seja

a) Assimilação: há um organismo que assimila o meio, um sujeito que busca o objeto do conhecimento, assim como existem órgãos que assimilam alimentos, tudo conforme as possibilidades da organização, ou seja, conforme a estrutura mental de que dispõe o sujeito, seus esquemas assimiladores em atividade.

b) Acomodação: a atividade de assimilação leva a uma acomodação da própria estrutura, que se modifica em resultado daquela atividade, seja desenvolvendo novos esquemas, seja diferenciando-os ou coordenando-os uns aos outros. ( In: CASTRO,1974, p.6).

Com isto pode-se dizer que houve aprendizagem intrínseca, porque fica evidenciado que o aluno apreendeu o sentido, assimilou o conhecimento, incorporou esse conhecimento e com esse conhecimento está apto a desenvolver outras idéias, discutir, questionar, criticar.

Incorporar conhecimento, habilita a vivenciar outras idéias fundamentadas no juízo e raciocínio que levaram o aluno a reconhecer a validade dos conceitos expostos e passam a fazer parte do arsenal de conhecimentos e informações adquiridas.

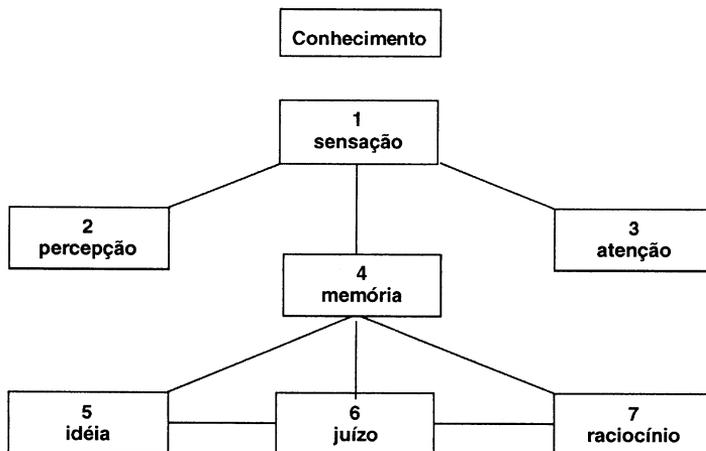
Observa-se, então, que as dificuldades de interpretação e análise de texto, encontradas pelos estudantes, estão relacionadas diretamente com a alfabetização e o ensino da linguagem.

Sendo assim, frutos de uma alfabetização alienante, os estudantes, ao se defrontarem com textos literários, logo entram em desânimo e passam a depreciar a área literária, emitindo sempre um juízo de valor negativo.

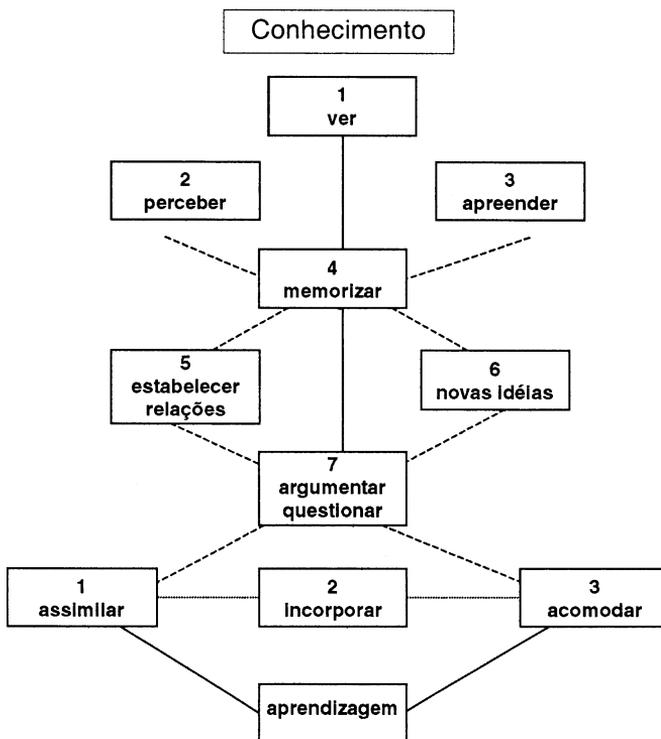
E a incapacidade de emitir juízo de valor, idéias novas ou encontrar novas soluções para problemas conhecidos, incapazes de raciocinar sobre textos está amplamente ligada à leitura e à dificuldade de apreender o sentido do que o autor quis dizer.

Os alunos chegam a admitir que os obstáculos são insuperáveis na interpretação e, na maioria das vezes, eles repetem o texto na íntegra, sendo incapazes de dizer a

Processo Cognitivo  
O Conhecimento em Seqüência  
A Seqüência Geometrizada dos Sentidos

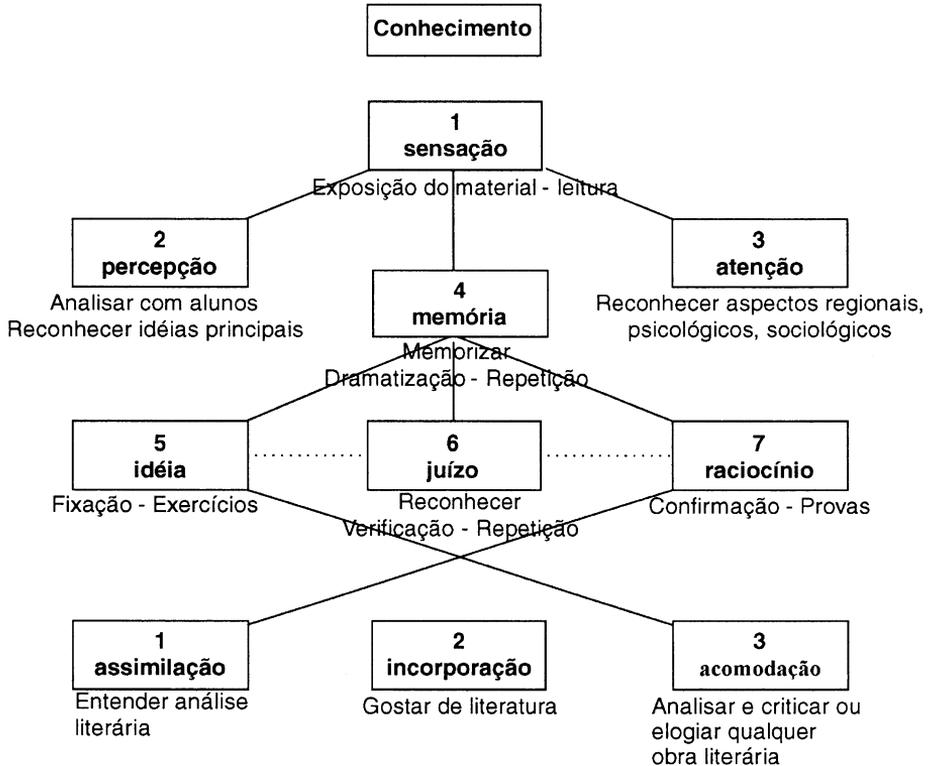


Processo Cognitivo  
O Conhecimento em Seqüência  
A Seqüência Geometrizada do Conhecimento



## Processo Cognitivo O Conhecimento em Seqüência

Aplicação da Seqüência Geometrizada da Aprendizagem  
ao Ensino de Análise Literária



mesma coisa com outras palavras. E aqui se observa que idéias novas, raciocínio e juízo não foram desenvolvidos nas etapas do processamento do conhecimento. Ficou um elo arrebentado na seqüência cognitiva.

Assim, a simplicidade de interpretação de texto, pode ser explicada ao procurar saber qual a mensagem que o autor quer transmitir, e o que captou o aluno. Esta é considerada a teoria da comunicação.

Nesse processo, aparentemente simples, exige-se sempre duas consciências interagindo.

O texto deverá contar uma mensagem, e isso exige um trabalho de reflexão de ambas as partes, deixando claro que o texto para análise e interpretação, não pode ser sem significado. Há que ser pensado, refletido, meditado.

Além do mais, a perspicácia do professor consiste em saber escolher o texto para ser analisado, para que ofereça condições de ser sentido, e apreendido pela pessoa que lê.

Contudo, se esse processo for já conhecido pelo aluno desde a alfabetização, a evolução do pensamento cognitivo acontecerá normalmente. De nada adiantará exigir resposta de quem não aprendeu a pensar, raciocinar ou emitir idéias novas. Neste contexto, então, vale mencionar a máxima conhecida dentro da didática: “Ninguém vende o que comprou”.

Ademais, toda a bibliografia existente sobre análise de texto, fala sobre a delimitação da unidade que vai ser lida e que para facilitar a compreensão, a área deve ser delimitada.

Assim um dos aspectos mais importantes na análise literária é a sistematização, até que os alunos aprendam a elaborar frases e assimilar e incorporar a reflexão.

O vocabulário dos alunos é outro aspecto importante na análise textual e também na elaboração de peças literárias. Desconhecer essa importância é ignorar um dos itens mais importantes da literatura, uma vez que um texto rico em vocabulário evidencia a qualidade da aprendizagem.

Dificilmente o professor de ensino fundamental se lembraria de solicitar como dever para casa, cópia de palavras e significados de dicionários.

Mesmo quando se delimita a área para interpretação de texto, além de solicitação de uma leitura atenta, deve-se exigir o estudo e interpretação de palavras desconhecidas.

Sendo assim, por mais simples que possa parecer, é importante qualquer a presença do dicionário. Escrever, criar, imaginar, já é um processo cognitivo importante. Ler um texto com um vocabulário rico, desde que conhecido do aluno, é despertar nele o desejo de ler e escrever cada vez mais.

O aluno foge das análises textuais e das redações, porque desconhece a sistemática de escrever, desconhece palavras porque o vocabulário é pobre, não tem conhecimento dos fatos e informações porque não lê.

E isso se tornou um círculo vicioso. Não lê porque não conhece o significado das palavras, acha o texto monótono, insípido, e transmite isso para o professor nas aulas de literatura e congêneres.

A importância da esquematização cerebral facilita o “insight”. E o “insight” é o primeiro sinal do despertar do interesse pela literatura. O ensino de redações, precedido dessas estratégias, vai abrir um mundo com horizontes ilimitados para os alunos.

Como primeira etapa, para que o aluno assimile e incorpore esses conhecimentos, é importante sistematizar a técnica que exige o conhecimento de três aspectos essenciais: a introdução, o desenvolvimento e a conclusão.

Nenhuma redação poderá ser considerada como tal, se esses três itens não obedecerem a uma sequência lógica, visto que a valorização de se conhecer a idéia central de um texto, ou da decodificação do mesmo, exige raciocínio.

Assim, a técnica de análise textual ou de compor redações, obedece ao paradigma proposto neste trabalho, porque explicita todas as etapas do pensamento cognitivo.

A idéia central de qualquer unidade para análise textual ou redação exige raciocínio na formulação do tema a ser elaborado. O juízo é o todo da composição literária. (Introdução) Pelo raciocínio o aluno expõe seu pensamento. (Desenvolvimento) É o conjunto das idéias seqüenciadas. (Conclusão) É a lógica do texto.

Se o aluno souber escrever obedecendo às etapas do conhecimento tal como este se processa no cérebro, ele saberá interpretar, porque apreendeu o sentido do que o autor quis dizer, ou se ele for o autor do texto, saberá exatamente, argumentar, analisar e sintetizar fazendo a conclusão do pensamento lógico inicial.

O aluno, portanto, aprende a fazer fazendo. Ele vai aprender a escrever, escrevendo, analisando o texto próprio, para apreender o sentido da mensagem que outros autores quiseram fazer.

Observa-se que este estudo faz a apologia do trabalho concomitante. Ele escreve e analisa ao mesmo tempo. Ele expõe o pensamento próprio, ele analisa, compara, modifica, reelabora e só assim vai chegar ao comportamento terminal que se espera: que o aluno, obedecendo à seqüência lógica do processo do conhecimento do seu cérebro, aprenda a elaborar peças literárias, a fazer análise textual e a escrever, ele próprio, poemas, redações, pensamentos, provérbios, etc.

Diante dessas considerações, cada aluno deveria ter em mãos o organograma lógico que é a representação geometrizada de um raciocínio, que é o que este estudo apresenta em dois momentos, a representação geometrizada e a representação em espiral do raciocínio, significando que esse processo, não é um processo estanque como faz crer a representação geometrizada, mas é um processo contínuo, permanente e seqüencial como a representação em espiral.

## Referências

APEL, Karl-Otto. *Transformação da filosofia I. Filosofia analítica, semiótica, hermenêutica*. São Paulo: Loyola, 2000.

\_\_\_\_\_. *Transformação da filosofia II. A a priori da comunidade de comunicação*. São Paulo: Loyola, 2000.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

CASTRO, Amélia Domingues de. *Piaget e a didática*. São Paulo: Saraiva, 1974.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português: linguagens*. São Paulo: Atual, 1994.

CRISTÃO, Franzine. [online] Disponível na Internet via <<http://www.comversos.com.br/gaveta/claricelispector/>>. Acesso em: 23/05/2003.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 39. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

GATÉ, Jean-Pierre. *Educar para o sentido da escrita*. Bauru: Edusc, 2001.

GOULART, Iris Barbosa. *Piaget: experiências básicas para utilização pelo professor*. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

ISKANDAR, Jamil Ibrahim. *Normas da ABNT comentadas para trabalhos científicos*. Curitiba: Champagnat, 2000.

JAEGER, Werner Wilhelm. *Paidéia: a formação do homem grego*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

LOVO, Adriana M. Ribas; RODRIGUES, Zita Ana Lago. *Filosofia e educação: a dimensão evolutiva do conhecimento*. Curitiba: Qualogic, 2000.

MERLEAU-PONTY, Maurice, *Merleau-Ponty na Sorbonne: resumo de cursos filosofia e linguagem*. Campinas: Papyrus, 1990.

NICOLA, José de. *Língua, literatura & redação*. São Paulo: Scipione, 1998.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea*. São Paulo: Loyola, 1996.

PIAGET, Jean. *O nascimento da inteligência na criança*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

\_\_\_\_\_. *Psicologia e pedagogia*. Rio de Janeiro: Forense, 1970.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. *Literatura/ensino: uma problemática*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992.

RÖSING, Tânia M. K.. *Ler na escola: para ensinar literatura no 1º, 2º e 3º graus*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

TV CULTURA. [online] Disponível na Internet via <<http://www.tvcultura.com.br/aloescola/literatura/claricelispector/index.htm>> Acesso em: 23/04/2003.

ZILBERMAN, Regina. *A leitura e o ensino da literatura*. São Paulo: Contexto, 1988.

\_\_\_\_\_. *O ensino da literatura no segundo grau*. ALB – Associação de Leitura do Brasil. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.